

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
22 de junho de 2026

PODER À MODA ANTIGA / 2026

Um filme de Marco A. Laureano

Argumento, diálogos e montagem: Marco A. Laureano / Director de fotografia: Miguel Chichorro / Operadores de câmara: Fernando Brito e Rui Caetano / Make-up: Elisabete Rodriguez / Som: Yuri Laureano, Rafael Pinho, Susana Silva, Susana Toureiro, Marco A. Laureano / Direcção de produção: Vanessa Baptista e Manuela Veiga / Assistente de realização: Manuela Veiga / Interpretação: Nadezhda Bocharova, Anabela Gonçalves, Carlos Alves, Mouzinho Arsénio, Alina Solovyeva, Vanessa Baptista, Mauro Carvalho, Sónia Santos, Manuela Veiga, Lucília Laureano, Ricardo Rodrigues, António Sanganha, Renata Hostinská, Marco A. Laureano.
Produção: Cine-Reactor 24i / Cópia: digital / versão original em português e russo, com legendas em português / Duração: 102 minutos.

Com a presença de Marco A. Laureano

Poder à Moda Antiga é a segunda longa-metragem de Marco A. Laureano e representa bem a continuidade narrativa e estilística dos seus trabalhos anteriores nos quais sem um género definido há uma recusa em adoptar quaisquer códigos cinematográficos. O filme apresenta uma narrativa fragmentada, desequilibrada que não leva a uma única conclusão possível. É novamente uma obra com poucos recursos e que conta com um núcleo duro: Manuela Veiga, Miguel Chichorro e Elisabete Rodriguez que tornaram o filme possível ajudando a desenvolver um guião que inicialmente tinha apenas seis páginas e tornando o filme muito próximo da visão do realizador.

Uma dominatrix, uma psicóloga, um aspirante a empresário e uma produtora movem-se sem destino aparente. Todas, excepto uma das personagens que compõem este puzzle, perseguem objectivos obscuros revelando nas suas acções uma total falta de empatia.

Assistimos ao pior da humanidade em muitas áreas. O que chamamos evolução ou desenvolvimento ajuda frequentemente a fomentar divisões ideológicas, culturais e materiais. Julgam-se sempre as aparências em vez de se pensar. Vive-se uma realidade onde o controlo é progressivamente mais subtil.

O que devia ser não é: à fatalidade e ao pragmatismo de uma psicóloga e de uma produtora que, conscientes do seu poder considerado socialmente positivo, ajudam as pessoas a procurar o seu lado pior ou a caírem num vazio, surge a figura da dominatrix que aparece como alguém que tem que fazer o seu trabalho, executar um serviço mas que tem uma consciência, sensibilidade, que dá uma esperança de algo mais ao ser humano. A personagem vagueia pelo filme nas suas diferentes formas, sempre consciente do que deve fazer, mostrando preocupação com quem se cruza, vivendo o seu tempo. Nem sempre se consegue fazer compreender mas entre línguas diferentes, que por vezes se cruzam, caminha para um entendimento assim seja a vontade das personagens. E entre os que falam a mesma língua nem sempre há a resolução dos conflitos, como no estúdio de televisão na relação entre as possibilidades do filme e os resultados objectivos do mesmo.

É na sequência de montagem paralela aproximadamente a meio do filme que temos os momentos onde as personagens exploram os conflitos e oposições: entre o escritório da produtora, o gabinete da dominatrix, o escritório do produtor e o gabinete da psicóloga, as maiores ambições de cada personagem são expostas e onde entre a incompreensão dos comportamentos, do que se espera ou a impossibilidade mais visível ou mais subtil, não se avança, seja por apropriação de ideias, estupidez pura ou não se entender o que se pretende, existem sempre situações que são obstáculos. E a banda sonora que privilegia os extremos, a ordem e a tranquilidade versus a cacofonia, construída com ruídos e ambientes que apenas unem os espaços assumindo um tom natural, sem utilização de música, característica nos filmes do realizador, minimizando a possibilidade de criação de emoções em detrimento da razão e observação, subvertendo a hierarquia sonora e tornando o ambiente e os ruídos como fragmentos de toda a realidade. Enquanto elemento mais subtil do filme quando aparece surge por exagero. O culminar de um conjunto de ideias expressas que no seu fundo até podem ser tristes, o ruído torna-se desagradável, nada se vê, perdemos o suporte visual, o 'ver para crer'.

As personagens perdem-se no tempo, os actores perdem a rede e deixam de, por vezes, ser uma reacção à situação conhecida, ficando na rede do improvisado, dentro do filme, na crueza do que não sabem e das personagens. E aí, onde cabe a personagem, o actor? O que fica, ou o que pode ficar? O tempo real, o que não existe, o seu peso. No cinema comercial onde a economia narrativa é a um elemento existencial, é importante que a sensação de estar sentado na sala não exista. Em "Wavelength", de Michael Snow, percebemos os acontecimentos à distância e entramos num contínuo de tempo em que as acções são esparsas sem motivação ou sem consequências. Ao fim de algum tempo estamos sempre à espera do que vai acontecer. E se não acontecer nada? E se tivermos que tomar consciência dessa espera, na sala, na cadeira? Ver o tempo a passar, o ecran negro, o fim da cena... Quantas vezes na vida olhamos para um relógio durante um minuto? As cenas ou não são terminadas com um avanço ou o seu final é abrupto.

A fotografia de Miguel Chichorro assume momentos mais estilizados nos gabinetes da dominatrix em tons de azul metálico, frio, inspirado no filme "Cruising", de William Friedkin, e da psicóloga, num tom mais alaranjado, quente numa inversão formal entre duas personagens que se opõem em actos e formas de agir. Em todo o filme há emulação de película através da adição de grão. Mais que estilo, pretende ser uma ideia de intemporalidade, de imperfeição num contraste com as possibilidades cada vez maiores do digital asséptico, uma imagem única.

É um filme "à moda antiga", expressão utilizada para - numa das suas possíveis interpretações - definir uma certa falta de 'limpeza' comportamental. É à bruta. As personagens não são simpáticas, não fazem concessões, por vezes nem evoluem no filme e não se preocupam em agradar. Se têm algum poder, subjagam e submetem os outros à sua vontade. Infelizmente a sociedade só entende a força e julga as aparências em vez de pensar. O todo colectivo domina. Sempre foi assim. Sempre assim será. O filme cria um espaço de discussão para cada um poder tirar as suas próprias conclusões com o que assiste. Pode concordar-se ou discordar-se com tudo, com partes, com nada, mas pode pensar-se.

É muito importante cada vez mais que o cinema mantenha uma visão independente das normas estabelecidas e que seja uma fonte de expressão livre. E isso só se consegue com atitude por parte do público.

Marco A. Laureano